

Algumas impressões sobre os filmes e escolhas de Brasília 46

João Carlos Sampaio (BA)

A mostra competitiva de longas-metragens de ficção do 46º Festival de Brasília (2013) apresentou diversidade temática e estética. Reforçou a ideia de um cinema brasileiro que aposta em possibilidades muito caras aos seus realizadores, individualmente falando. Um cinema baseado em investidas (pode-se dizer, verdades) autorais/pessoais.

Pensando nesta seleção como se fosse um instantâneo, indícios do que nossos cineastas andam fazendo, não tenho qualquer dúvida quanto ao acerto curatorial, a despeito de desconhecer o horizonte dos filmes que ficaram de fora. Brasília 46 deu muito gosto de ver!

Cada um dos seis filmes apresentados merece – e certamente terão – um espaço maior para reflexão, quiçá ainda melhor decantados pelos dias, pois, confesso, continuam rodando na minha cabeça. Por hora, tento fazer um pouco do exercício que o júri realizou: pensá-los em conjunto, observando suas singularidades.

O primeiro dos longas de ficção que foi à tela, *Os Pobres Diabos*, de Rosemberg Cariry, já havia visto dias antes, no encerramento do 23º Cine Ceará. Na capital federal, revi até o ponto em que foi projetado na tela do Cine Brasília, naquela noite do dia 18. Novamente ficou-me a impressão de que Cariry conseguiu articular seu discurso mais fluente até aqui.

Os Pobres Diabos se interliga, sem reservas, com o cinema que ele traça ao longo de sua tão respeitável carreira, cheia de filmes que partem do universo da cultura popular, mas que encontram uma articulação sofisticada, tão grave e inteligente como a fala educada do diretor.

Pareceu-me, no entanto, que, particularmente nesta jornada, o barroquismo da sua mise-en-scène acena solidário à pele calejada de sol, aos infortúnios e à poesia dos seus personagens. É como se a doçura triste d' *O Palhaço*, de Selton Mello (que abunda em Chaplin), encontrasse um chão mais esturricado e a dureza das urgências mais banais; água e comida.

Depois da Chuva, mesmo baiano e nordestino, parece um filme de outro Brasil. Ao invés de falar de tempos eternos como *Os Pobres Diabos*, localiza-se num tempo histórico específico – a redemocratização do país – para falar da juventude dos anos 1980, mas com expressivos e inesquecíveis jovens dos anos 2010 nos papéis centrais.

Fala, assim, da juventude de qualquer tempo, de sonhos, rebeldia, da busca por um lugar no mundo. Seus diretores, Cláudio Marques e Marilia Hughes, encontram eco no cinema de Olivier Assayas, são estreantes que querem – e conseguem com este filme – dialogar com o cinema do mundo, sem perder o ranço de seu habitat, impresso na fala e no jeito de estar no mundo de seus personagens. Há sabedoria ao fundir “juventudes” de tempos distintos.

Avanti Popolo, de Michael Wahrmann, outro cineasta estreante em longas-metragens, demonstra uma crença num cinema construído com extremo rigor. Não há uma única situação gratuita na criação de um universo dramático preenchido por tipos humanos lançados não à representação naturalista, mas ao terreno do simbólico narrativo.

É uma obra de cinema apaixonada por cinema. Dentro do próprio filme traz outro filme, na verdade, uma remontagem de trechos de velhas fitas, que sintetiza o esforço criativo do realizador em ressignificar a imagem... Imagem, essa coisa mágica que trespassa e fricciona o real com suas próprias regras, mas aqui organizadas pelo olhar generoso de quem nos provoca por (e com o) seu discurso.

Desde a escalação do elenco o filme estabelece camadas, que vão se multiplicando no seu vigoroso jogo de espelhos.

Amor, Plástico e Barulho traz Renata Pinheiro (estreante em longa-metragem de ficção) repercutindo o universo da música popular, que seu parceiro na vida e no cinema, Sérgio Oliveira, já havia apresentado, com outro pernambucano, Petrônio de Lorena, no curta-metragem *Faço de Mim o Que Quero*.

Partindo do tão específico e rico cancioneiro recifense, propõe-se a construir fábula, encenar algo bem mais universal, a passagem do bastão de uma geração a outra, aqui encurtada pelo fenômeno do consumo, que determina o rápido esgotamento do novo e seu viço.

Naquilo que falta como maturidade dramática, *Amor, Plástico e Barulho* compensa – com sobras! – com transpiração, cheiro, cor, brilho e energia do seu elenco (especialmente o feminino), na sua dedicação em recriar – com respeito e força vital – o mundo que o inspira. Daí tira tanta pulsão e se faz sentir antes mesmo de ser interpretado.

Riocorrente, de Paulo Sacramento, que já nos tinha oferecido uma imersão densa com o seu documentário *O Prisioneiro da Grade de Ferro*, é mais um filme de mergulho, mas de um jeito bem diferente de Amor, Plástico e Barulho.

Há amor e violência irremediavelmente amarrados no seu discurso, uma história que parte do cotidiano, mas que quer ser mitologia, mangá, incêndio.

Sacramento não faz concessões ao pintar um retrato de São Paulo (mas também da vida urbana e de “nosso tempo”), que se aparelha a partir de tipos funcionais, criando uma ambiente simbólica – somente para usar um termo da moda – de grande “potência”.

Impressiona como *Riocorrente* consegue ser, ao mesmo tempo, cerebral/cirúrgico como criação audiovisual e tão devotado a expressar de maneira selvagem uma concretude de sensações/sentimentos, alimentando de imagem e som um lugar que antes parecia ser comum apenas à poesia, de Pignatari (e Chacal, por que não?) a Criolo.

Por fim, *Exilados do Vulcão*, de Paula Gaitán. Perfeita, aliás, a escolha deste para a última noite da mostra competitiva, porque é um filme que acaba acomodando a avidez de cinema que aparece em *Riocorrente* e *Avanti Popolo*, o lirismo de *Os Pobres Diabos* e *Depois da Chuva*, e, certamente responde à fúria doce de *Amor, Plástico e Barulho* com uma delicadeza que se faz indomável por outras vias, seus arrebatadores silêncios brancos.

Não sei dizer se *Exilados do Vulcão* – peculiar na criação das suas situações tão musicais (mesmo quando não há música) ao abordar perda, afeto (outro inevitável termo da moda) e memória – é melhor do que os outros cinco.

Aliás, também não sei dizer exatamente qual dos seis filmes mais me agrada. Exatamente por isto me parece que a escolha do júri por esta obra é um acerto que acomoda uma seleção bem difícil de comparar.

Estou no rol dos que detestam resultados pulverizados, firme na crença de que quando um festival premia todo mundo parece não premiar ninguém. No entanto, acho que Brasília 46 é exceção para confirmar a regra.

Considero sábio e salomônico o trabalho do júri oficial porque soube reverenciar cada obra, mais ou menos, naquilo que residia a sua força, os seus gritos e sussurros mais audíveis aos olhos. Assim é que a integridade de *Exilados do Vulcão* parece caber bem no prêmio de Melhor Filme.

Felicidade também na escolha do júri popular, ao premiar *Os Pobres Diabos*. Souu como uma conspiração ladina dos orixás da sétima arte para completar a decisão dos sete jurados oficiais e para que reinasse o equilíbrio num ano tão especial do Festival de Brasília.

Dizer mais o que? Que o festival – a partir dos mantenedores deste espaço tão sagrado do nosso cinema – deve sim acreditar na ação divina, mas também se precaver um pouco mais, investindo em soluções administrativas para que, cada vez mais, as projeções façam jus aos filmes, e, cá para nós, é preciso rever a ideia de separar os filmes em categorias.

Ao invés de valorizar os documentários e as fitas de animação, esta decisão por categorias apenas acaba colocando-os num limbo que não merecem, diminuindo o espaço de apreciação para propostas tão especiais como *O Mestre e o Divino* e *Morro dos Prazeres*, só para citar duas obras de outra mostra que mereceria/merece toda a minha atenção, mas que agora não me detenho porque este ajuntado de impressões se detém no recorte mais visível para se tornar menos cansativo.

Aliás, falando em exaustão (e preguiça, por que não?), quem leu isto aqui pulando parágrafos basta saber que eu disse: Que seleção! Que festival! Que belo resultado! Tanto assim que quase me dá vontade de subir na mesa e gritar: “Viva o Cinema Brasileiro!”, mas estou escrevendo numa tarde cheia de brisa à beira-mar, aqui na praia de Amaralina, Salvador, Bahia, onde todo ímpeto físico sucumbe ao balanço da rede.